



LITERATURA, MÍDIAS MATERIALIDADES: A LITERATURA E O LITERÁRIO NO DEVIR ALGORÍTMICO DO PRESENTE

Ao longo do século XX, sob a emergência de novos meios técnicos de registro, processamento e transmissão de imagens e sons, as categorias tradicionais com as quais circunscrevíamos a identidade daquilo que entendíamos como literatura se mostraram, cada vez mais, insuficientes na definição dos fenômenos a que se destinavam. Como pensar, por exemplo, a natureza do que entendemos tradicionalmente como **literatura, autor, livro, poesia e gênero literário** em face às novas formas de interação, imersão, transposição e hibridização oferecidas pelas novas mídias? As sucessivas transformações nas materialidades comunicativas não implicavam simplesmente mudanças de suporte, mas também transformações nas próprias possibilidades expressivas da linguagem. É nesse sentido que o próprio estatuto da língua como operador geral para a compreensão dos sentidos foi colocado em questão: em que medida, por exemplo, os meios técnicos que estruturam as estruturas de significação de uma língua determinam suas potencialidades de sentidos? Até que ponto as chaves axiológicas que nos são oferecidas pelo estruturalismo e pela semiologia ainda nos permitem iluminar o problema por meio de outras luzes, a partir de novos ângulos? Quais seriam os limites dessas perspectivas interpretativas, ou outras, como a hermenêutica, perante os fenômenos produzidos pelos novos meios de produção de presenças e sentidos? Quais seriam as perspectivas por meio das quais poderíamos nos aproximarmos deles?

Da fotografia para o cinema, da televisão para o computador, da escrita para a voz gravada, do texto impresso para as suas formas eletrônicas de circulação, ao longo dos últimos cem anos – e mais dramaticamente nas últimas décadas – novas midialidades (do daguerreótipo à fotografia com sais de prata, do celuloide às ondas eletromagnéticas e destes à emergência do domínio informático digital) configuraram, de modo inequívoco, a própria sensibilidade através da qual se construíam novas percepções do “real”. No

que diz respeito, particularmente, à literatura, esse conjunto de novas potencialidades expressivas não só lhe impôs a necessidade de refletir sobre os seus próprios limites – de representação do “real”, por exemplo – como também sugeriu que ela poderia e deveria, justamente, expandir esses limites. Irrompem, a partir de então, novos campos de pesquisa, como os estudos de mídia, a filosofia da técnica e a intermedialidade, e novos territórios conceituais, em face à emergência de noções como **materialidades**, **transmídia**, **crossmedia**, **remediation** e **literatura expandida**, entre outras que reelaboram a nossa relação com a palavra escrita, tomando como tema de reflexão geral o caráter também material e técnico que a mesma apresenta.

A emergência de um processo analítico particularmente atento à dimensão material e técnica da linguagem acaba por colocar em evidência, por sua vez, a existência de uma fenda entre a literatura e as diferentes mídias comunicativas, fissura que exigirá aproximações entre esses domínios para além do paradigma tradicional da tradução. Se o declínio da narração implicava uma reflexão integral em torno do próprio conceito de **experiência** (segundo o indicara Walter Benjamin em artigos consagrados a essa temática), esse mesmo declínio era o sintoma de uma mutação estrutural no modo de construir nossas percepções, já não mais ancorada na linearidade e sucessividade oferecidas pela imagem de um tempo contínuo, em suma, histórico, mas na pós-historicidade das imagens técnicas, que surgiam para dar conteúdo às palavras **inimagináveis** da **logolatria** ocidental (como salienta o filósofo tcheco Vilém Flusser). De fato, evidenciava-se uma distância entre essas diferentes materialidades, sendo cada uma portadora de qualidades expressivas específicas que influíam diretamente sobre a dimensão perceptiva e afetiva do leitor/espectador. Se iniciava, então, o campo profícuo dos estudos intermídias, nos quais o assunto não era mais o da “fidelidade” a um “original”, mas o da “produtividade” dos sentidos (semânticos e perceptivos) próprios a cada uma dessas especificidades materiais: um texto fonte pode virar imagem, som, código, língua de sinais, gesto e, nessas mudanças, não permanece igual a si mesmo (sem necessariamente, no entanto, perder completamente a sua identidade, o DNA que subjaz à série de suas mutações). É dentro dessa perspectiva que o estudo das relações entre literatura, mídias e materialidades se constitui como um profícuo núcleo de interesse que oferece derivas

fortemente enriquecedoras para a compreensão da natureza e o lugar (ou não-lugar) do literário no mundo contemporâneo.

Os textos reunidos neste dossiê nos oferecem, como um jardim de caminhos que se bifurcam, muitas entradas pelas veredas da literatura, das mídias e das materialidades; veredas que continuamente se entrecruzam sob regimes de interação, imersão, transposição e hibridização oferecidos pelas novas tecnologias comunicacionais contemporâneas. Esses caminhos e descaminhos traçados pelos autores que contribuíram com esta edição da **Verbo de Minas** nos exigiu dividi-la em três seções: **Teorias, mídias, materialidades; Tecnicidades literárias e Intermidialidade/Transmidialidade.**

Na primeira, buscamos reunir textos que se debruçavam sobre algum aspecto efetivamente teórico no que diz respeito à relação entre literatura, mídia e materialidades. Nesse sentido, por algumas felizes afinidades eletivas entre os artigos recebidos, esta seção oferece ao leitor um providencial arco histórico do pensamento alemão sobre a técnica: da teoria estética do decano Walter Benjamin, objeto de investigação de Daniela Losiggio, à dimensão fenomenológica e desconstrucionista das teorias da filósofa contemporânea Sybille Krämer, expostas por Roberto Rubio. Outra afinidade, agora nas veredas que ligam poesia e meio digitais, são os artigos de Alamir Aquino Corrêa, que coloca em relevo a importância da temporalidade na construção da experiência estética da poesia digital em sala de aula, e de Vinícius Carvalho Pereira, que nos mostra os benefícios do uso de ferramentas digitais, como a escansão, para a análise literária. A seara dos modos próprios de construção de sentido na literatura e no cinema e as subsequentes consequências para os estudos interartes e de adaptação é objeto de investigação de Paulo Custódio, que, assim, pavimenta um caminho também a se desdobrar e encontrar as devidas afinidades nas seções seguintes.

Sob o título de **Tecnicidades literárias**, buscamos reunir artigos que enfocam o texto literário na sua dimensão imanente, isto é, nas operações técnicas que o configuram e o tornam produtor de sentidos. Dentro dessa perspectiva, nota-se a expansão do que entendemos como literário para além da linguagem verbal, como nos mostram Luís Carlos Girão e Elizabeth Cardoso, ao destacar como a emergência da noção de *book artist* impõe, à reflexão

literária, a consideração das relações significativas entre palavra e imagem; Lucas Zamberlan, ao destacar a convergência múltipla entre as linguagens verbal e imagética no livro de crônicas **Pathé-Baby** (1926), de Alcântara Machado e as estampas xilografadas de Paim Vieira que o ilustram; e Marcos Arraes, ao investigar, a partir dos escritores que registraram a modernidade recifense, como o texto literário, em sua imanência, é conformado em função de uma determinada experiência sensível da cidade. A noção de **tecnicidades literárias** ainda abarca, nesta seção, os aspectos autorreflexivos e metaficcionais da novela do escritor argentino Daniel Medina, **Detrás de las imágenes** (2018), no artigo de Carlos Hernán Sosa, e a incorporação da forma do soneto elisabetano na tradição poética brasileira, como nos mostra William Valentine Redmond.

Na última seção, organizamos os textos que se debruçavam sobre a análise de objetos que tanto ocupam zonas de indistinção entre territórios quanto transitam por diferentes materialidades e suportes sob o título de **Intermedialidade e Transmedialidade**. Tratam-se de objetos que se constituem na e para além das fronteiras disciplinares, que se lançam aos descaminhos, como a inspirada obra do artista gráfico curitibano Butcher Billy que, conforme salienta Camila Figueiredo, desperta uma certa nostalgia por meio das múltiplas referências à cultura visual e musical dos anos 80, e o gesto inovador do romance **Os famosos e os duendes da morte** (2010), de Ismael Caneppele, que, como nos mostra Samantha Borges, explora a simultaneidade e interatividade de *sites* da internet e *links* para vídeos do *Youtube*, que complementam a narrativa e a leitura possível por parte do leitor/espectador. No âmbito das relações entre literatura e cinema, Verônica Kobs analisa o livro **Homens, mulheres & filhos** (2011), de Chad Kultgen, e o filme homônimo (EUA, 2014), dirigido por Jason Reitman, com o objetivo de mostrar o influxo da linguagem das novas mídias em procedimentos estéticos como fragmentação narrativa, a constituição de cena e a divisão da tela (que passa a integrar as interfaces digitais) e Bárbara Marques nos oferece uma intrigante leitura de **I Had Nowhere To Go: Portrait of a displaced person** (2016), filme do *videomaker* escocês Douglas Gordon, baseado no livro-diário homônimo de Jonas Mekas, voltada a apontar como novos regimes de visualidade, fundados em imagens imprecisas, precárias e **faltantes**, influem sobre a dimensão

afetiva de nossos corpos. Por fim, no âmbito dos estudos da canção e dos *sound studies*, Lucia Teixeira e Leonardo da Silva fazem uma incursão pela canção caipira na perspectiva da semiótica do discurso, colocando em evidência a importância de aspectos como vocalidade e as qualidades materiais da música no processo de construção de sentidos, Alex Martoni, por sua vez, aproveita a efeméride dos cinquenta anos do álbum coletivo **Tropicália ou panis et circenses** (1968) para aventar em que medida o álbum encena as complexas imbricações entre tecnologias de som e técnicas de escuta.

A fim de enriquecer ainda mais o debate a que se propõe, a **Verbo de Minas** somou, aos textos aqui apresentados, entrevistas feitas com artistas e intelectuais que desempenham papel de protagonistas nos debates acerca das relações entre literatura, mídia e materialidades em seus respectivos países: Bernadette Wegenstein, documentarista feminista e professora da Johns Hopkins University (EUA); Jorge la Ferla, professor de novas tecnologias da Universidade de Buenos Aires (Argentina); Daniela Seggiaro, produtora, roteirista e diretora de cinema argentina, e Paz Encina, realizadora, produtora e roteirista paraguaia. No caso de Wegenstein, entrevistada pelos professores Lílian Buonicontro e Guilherme Foscolo, questões como a possibilidade da realização de um documentário pela ótica feminista e a questão dos modos de representação do corpo norteamericanos o diálogo; já no que diz respeito a la Ferla, Seggiaro e Encina, através de trocas de e-mails, as conversas tiveram como alvo pensar as problemáticas relações entre a literatura e as diferentes mídias na produção artística contemporânea, salientando, em todos os casos, a situação particular desta relação nas produções teórica e prática latino-americanas. Seguem nossos agradecimentos a todos aqueles que contribuíram com artigos e concederam entrevistas à revista.

Quando propusemos a chamada com o título **Literatura, mídias, materialidades** sob o argumento de que “As mudanças operadas pelas tecnologias de informação no domínio das práticas sociais, culturais e estéticas, nas últimas três décadas, têm exigido um reexame dos modos como concebemos as relações entre *literatura* e *mídia*”, o fizemos, em grande medida, inspirados pela lição de Foucault, de que uma das únicas coisas que valem a pena ser pensadas, contemporaneamente, é o modo em que nos

tenhamos o que somos a fim de pensarmos alternativas em direção ao que poderíamos vir a ser. Nesse sentido, a necessidade de pensar e repensar o que entendemos como **o literário** e **a literatura**, essa forma que interage e se expande para formas sonoras e imagéticas; que circula fora do livro impresso, em *audiobooks*, *blogs* e nas interfaces de mensagens dos celulares, dentre outros caminhos que se bifurcam, não é apenas uma questão de interesse acadêmico ou intelectual. Trata-se de um debate fulcral na compreensão dos modos como a nossa própria cultura do presente é construída. Dentro dessa perspectiva, como os textos reunidos neste Dossiê visam a mostrar, refletir sobre **o literário** e **a literatura** neste início de século hipermediatizado pela tecnologia algorítmica é uma tarefa voltada a cumprir com essa exigência.

Alex MARTONI

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/ Brasil

Fernando Perez VILALLÓN

Universidad Alberto Hurtado/ Chile

Hernán ULM

Universidad Nacional de Salta/ Argentina